

---

# O sítio neolítico das Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora)

JOÃO ALBERGARIA<sup>1</sup>

## R E S U M O

No cumprimento das medidas de minimização arqueológicas propostas em Estudo de Impacte Ambiental, a EDIA, Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva, S.A. promoveu a realização de trabalhos arqueológicos no sítio das Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora). A intervenção arqueológica feita neste sítio, nos anos 2004 e 2005, contribuiu para a identificação de um povoado neolítico e para o conhecimento de uma necrópole com três fases de construção, que podem ser enquadradas cronologicamente entre a segunda metade do V milénio a.C. e a primeira metade do IV milénio a.C. Após a conclusão dos trabalhos de campo, o local foi integralmente destruído, não tendo sido identificados mais contextos arqueológicos.

## A B S T R A C T

In the scope of mitigation measures suggested by an Environmental Impact Assessment, EDIA SA – Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva, sponsored archaeological research at the site of Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora). Fieldwork was undertaken in 2004 and 2005, and revealed both a Neolithic settlement and a burial ground, with at least three construction phases, between the second half of the 5th millennium BC and the first half of the 4th millennium BC. Subsequently to the archaeological field seasons, the site was totally destroyed, a process made possible by the absence of other archaeological contexts.

## 1. Introdução

*“Plus qu’à des théoriciens – bien qu’ils le soient aussi –, j’ai d’abord souhaité donner la parole à des habitués du terrain. A une époque où l’archéologie a parfois tendance à s’enfermer dans le seul discours spéculatif, certes toujours nécessaire pour aiguillonner la recherche, je demeure persuadé que les thèses doivent d’abord se construire à partir de données tangibles et clairement observées.”*

Guilaine, 1998, p. 6

A empresa de arqueologia Ocrimira, Investigação Arqueológica e Patrimonial, Lda realizou, no âmbito da minimização de impactos arqueológicos decorrentes da construção do Troço de Ligação Loureiro-Monte Novo, que integra o Subsistema de Rega do Alqueva – Bloco do Alto Alentejo, uma intervenção arqueológica, no sítio das Atafonas (Torre de Coelheiros, Évora).

A escavação integral justificou-se pelo facto de este sítio ter um impacte patrimonial negativo directo e total, por via da construção daquele troço do canal de rega.

Os trabalhos arqueológicos desenvolveram-se em várias fases, totalizando no final uma área intervencionada de 614 m<sup>2</sup>, dos quais 549 m<sup>2</sup> foram escavados manualmente. A larga maioria dos contextos arqueológicos identificados foi removida, não tendo sido detectados outros vestígios de ocupação, no decorrer da sua desmontagem final.

A minimização patrimonial realizada, a cargo da empresa EDIA, Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva, S.A. revelou-se essencial para a descoberta de um singular sítio arqueológico, demonstrando que o cumprimento escrupuloso das medidas mitigadoras resultantes de Estudos de Impacte Ambiental, quando feitos com o cuidado necessário, pode ajudar a colmatar as lacunas existentes na investigação arqueológica.

Ao invés de uma anta praticamente destruída e sem qualquer “visibilidade” científica, a intervenção arqueológica pôs à vista um povoado neolítico, com sete fossas escavadas no solo, e vestígios de uma intensa ocupação no local. Embora, não seja possível atribuir-lhe uma cronologia rigorosa, devido à falta de datações absolutas e aos problemas suscitados pela tipologia dos materiais arqueológicos recolhidos, deverá tratar-se de uma vivência que terá ocorrido ao longo do V milénio a.C., provavelmente na segunda metade.

O local seleccionado para a instalação do povoado, foi igualmente escolhido para fazer uma sepultura. A Sepultura 1 consistia numa grande fossa escavada no chão, que foi usada para pôr os restos osteológicos de vários indivíduos, tendo sido posteriormente tapada com grandes lajes. A questão que se põe de imediato consiste na possibilidade de existir uma eventual relação entre povoado e necrópole. Os mortos estarão relacionados directamente com a anterior ocupação daquele local? Serão estes os antepassados dos construtores do ossário? Qual o motivo que terá levado a construir a sepultura naquele sítio?

Em relação aos rituais funerários praticados, podem ser apresentadas outras questões, que se prendem com a origem dos ossos e com os materiais do espólio. Na Sepultura 1, observaram-se segundas inumações “(...) partes do esqueleto, recuperado de um primeiro enterramento noutra local” (Gonçalves, 1992, p. 58), mas como será o local da primeira inumação e que tipo de rituais foram praticados? Qual a razão desta segunda homenagem, de carácter colectivo? Qual é o espólio transportado de um lugar para o outro? Os materiais recolhidos na sepultura fazem parte do conjunto original de oferendas ou foram reintroduzidos pelos construtores do ossário?

A construção da Sepultura 1 foi seguida pela edificação de outra sepultura. Mas, desta vez, os seus arquitectos projectaram uma câmara fechada, delimitada por uma estrutura anelar e selada por grandes lajes de cobertura. No seu interior, os construtores escavaram uma fossa para ser depositado um indivíduo.

A câmara estava envolvida por uma estrutura tumular, de planta circular e com uma construção relativamente complexa. A finalidade desta unidade arquitectónica pode ter sido meramente funcional (dar solidez e maior durabilidade à câmara), mas constitui a primeira demarcação física da necrópole e uma demonstração de visibilidade social na paisagem. A sua construção será uma forma de oferenda e um meio de homenagear o morto?

Não é possível determinar se existiu uma inumação primária ou uma inumação secundária, na Sepultura 2, mas os vestígios obtidos revelaram a deposição de uma criança/jovem com 10 e 12 anos  $\pm$  30 meses. Qual o significado social deste facto?

A sequência construtiva foi completada com a edificação da terceira sepultura. Assim, sobre o topo da Sepultura 1 e encostada à Câmara 1, fizeram outra câmara, circunscrita por um anel de pedras e de terra. No seu interior, foi escavada outra fossa de inumação, mas não foram encontrados vestígios de enterramentos no seu interior.

A construção da Câmara 2 foi acompanhada pela obra de um grande *tumulus*, que acabou por conferir uma grande monumentalidade a todo o conjunto arquitectónico.

Sobre um povoado foi erguida uma necrópole, com três sepulturas construídas em momentos diferentes e com técnicas distintas, embora exista uma maior proximidade entre a Sepultura 3 e Sepultura 2, do que entre a Sepultura 2 e a Sepultura 1.

A necrópole das Atafonas reúne características arquitectónicas e rituais funerários que entroncam na génese do megalitismo alentejano, mas simultaneamente apresenta elementos que se distinguem. Será um processo paralelo à construção das cistas “proto-megalíticas” e às primeiras antas de corredor incipiente? Esta questão aplica-se a todas as sepulturas das Atafonas?

O actual texto tem como principal objectivo apresentar uma síntese dos principais contextos arqueológicos intervencionados e um conjunto de questões suscitadas pelos resultados obtidos. Trata-se do primeiro acto, de um processo de estudo com várias etapas, cuja finalidade é divulgar dados para um período que ainda se conhece pouco (Jorge, 1990, p. 120; Diniz, 2000, p. 105).

## 2. Localização e paisagem

O sítio arqueológico das Atafonas está localizado na freguesia da Torre dos Coelheiros<sup>2</sup>, concelho de Évora, a cerca de 600 m de distância do actual monte das Atafonas, no sentido SE.

A paisagem envolvente faz parte da grande peneplanície da zona de Évora, com altitudes bastante uniformes e com linhas de água de pouco caudal. Os terrenos são usados para o cultivo de cereais ou encontram-se em pousio, estando polvilhados por azinheiras e sobreiros, embora a curta distância deste sítio exista uma reduzida mancha de eucaliptos.

A necrópole das Atafonas foi construída numa zona relativamente aplanada e na base de uma ligeira elevação situada a Norte, estando praticamente implantado sobre uma zona de fractura

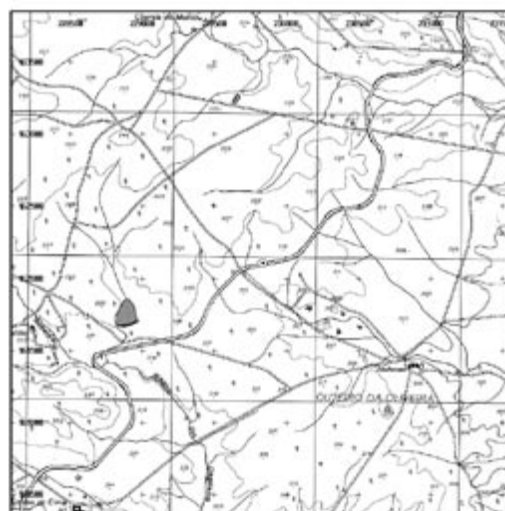


Fig. 1 Localização das Atafonas e do Canal de Rega (CMP 471).



Fig. 2 Paisagem geral das Atafonas.

geológica. Em termos de visibilidade, o monumento encontra-se condicionado a norte por aquela pequena colina, enquanto para sul tem o controlo visual de uma ampla zona baixa.

Como se trata de uma construção essencialmente subterrânea, o seu nível de observação é praticamente nulo a partir do lado norte, contrastando com a monumentalidade da vista a partir do lado sul, devido ao reaproveitamento da zona de fractura para estabelecer o limite do *tumulus*.

### 2.1. Geologia

O sítio das Atafonas encontra-se numa vasta mancha de quartzodioritos e de granodiorito de grão médio, não-porfiróide (Carta Geológica de Portugal, folha 40-A).

O afloramento rochoso localizado a sul das câmaras apresenta uma geometria estratificada sendo constituído por rochas de fácies granitóides ou composição intermédia, leuco a mesocráticas e textura fanerítica não-porfiróide, de grão fino a médio, tectonizadas, revelando intenso cisalhamento no seio de rochas que revelam avançado estado de meteorização química, *in situ*, de fácies mais básica.

As observações, obtidas em amostra de mão, não permitem a identificação exacta de todas as variações texturais e mineralógicas das amostras. Entre granitos, quartzomonzonitos granodioritos, tonalitos e dioritos há por vezes situações de difícil separação que carecem de análise em lâmina a fim de se determinar a natureza dos feldspatos e o que é acessório.

A penetratividade da fracturação permite identificar duas famílias predominantes, uma aproximadamente E-O, paralela ao eixo maior do afloramento, e outra aproximadamente N-S.

## 3. Faseamento dos trabalhos e metodologia

O ponto de partida consistia na sondagem arqueológica realizada por Pedro López Aldana, em Fevereiro de 2004 (López Aldana, 2005). Tratava-se de uma área de escavação, com 8 m<sup>2</sup>, na qual era possível observar um grande bloco pétreo (UE 3), disposto de forma oblíqua, associado a um anel de pedras com médias dimensões. Para além destes contextos, existiam algumas pedras sem qualquer tipo de estruturação, restos de uma grande laje (UE 7), tombada no fundo da sondagem e em elevado estado de desagregação, e um depósito de terras de natureza indistinta.

Foram estes os elementos obtidos, juntamente com os materiais arqueológicos recolhidos (dos quais se destaca uma enxó em pedra polida), que demonstraram a necessidade de prosseguir os esforços de minimização do impacte patrimonial da obra. Assim, a imagem inicial do monumento consistia numa anta de pequenas dimensões e praticamente destruída. Esta construção teria um ortostato deslocado da sua posição original e os restos de uma estrutura pétrea, que funcionaria como apoio à base dos esteios que constituíam a câmara, entretanto desaparecidos.

A continuidade dos trabalhos arqueológicos contribuiu para algumas surpresas; assim, se na, zona central, foi identificada outra câmara funerária, encostada à estrutura descoberta anteriormente, na restante área verificou-se que o *tumulus* se prolongava por todos os lados, sendo necessário proceder, de novo, ao alargamento da área de escavação, para cumprir o nosso objectivo principal.

Nesta altura, já se tinha compreendido que a ideia inicial da “anta estar praticamente arruinada” era completamente errada. Na realidade, o Sector Sul do *tumulus* encontrava-se relativa-

mente bem preservado, ao contrário do Sector Norte, que aparentava conservar apenas os depósitos subjacentes à carapaça pétrea. No centro do monumento, a situação era ainda mais complexa, porque existiam duas câmaras megalíticas encostadas e com grandes blocos pétreos a cobrir os ambientes funerários.

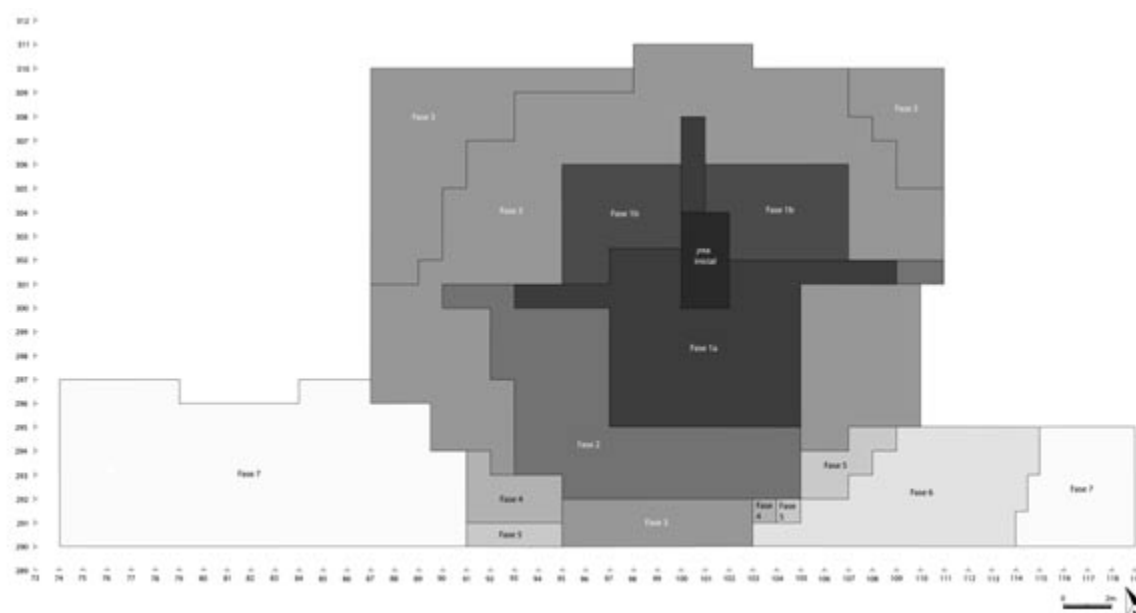


Fig. 3. Quadrícula geral e faseamento dos trabalhos arqueológicos (desenho de Mafalda Nobre).

Partindo do princípio que o método é também um instrumento de trabalho, que se usa consoante as necessidades do arqueólogo, na intervenção realizada na Herdade das Atafonas, utilizaram-se elementos de vários modelos e múltiplas ferramentas de trabalho, com carácter bem diferenciado, como foi o caso da retro-escavadora ou da agulha de cozer.

A escavação arqueológica foi essencialmente baseada nos princípios metodológicos estabelecidos por P. Barker (1989) e E. Harris (1991), procedendo-se à remoção das unidades estratigráficas por níveis naturais, na maioria dos casos numa sequência oposta à da sua formação, optando-se por uma escavação em área aberta.

As unidades estratigráficas relacionadas com o nível arqueológico de superfície e com o *tumulus* foram todas retiradas de forma linear e sistemática, mas os depósitos existentes no interior das câmaras e a maioria dos depósitos relacionados com o povoado neolítico foram escavados por camadas artificiais, com cerca de 5 cm de espessura.

Por vezes, foi necessário escavar as unidades estratigráficas mais antigas durante, ou mesmo antes, de retirar os depósitos de formação recente. Esta situação pode ser explicada pelos sucessivos alargamentos que tiveram de ser realizados com o propósito de identificar toda a extensão da estrutura tumular. Ou seja, como era necessário minimizar o tempo e os custos despendidos nesta intervenção, e dado que era praticamente impossível colocar todo o *tumulus* à vista num só momento, decidiu-se começar a desmontar aquela estrutura na zona central, para compreender melhor o faseamento do monumento. Para além desta explicação, convém salientar, uma vez mais, a singularidade da sua arquitectura e o facto de nunca se ter considerado a hipótese de este sítio ser tão grande.

As consequências imediatas desta decisão foram a ausência de fotografias de todo o *tumulus*, o aumento no cuidado do registo arqueológico, porque se estava a intervir em várias fases culturais

simultaneamente, e maior complexidade na descrição e na interpretação dos contextos arqueológicos, porque não existia uma continuidade linear do processo de escavação, mas várias realidades intercaladas no tempo e no espaço (por exemplo, existiram depósitos identificados em Novembro de 2004, que só foram escavados em Julho de 2005; ou então, o facto de os limites do *tumulus* terem sido identificados em Junho, quando as duas câmaras funerárias já tinham sido integralmente escavadas).

#### 4. Povoado neolítico

No decurso da escavação da necrópole foram aparecendo ocasionalmente alguns materiais arqueológicos, que foram interpretados como elementos transportados, juntamente com as terras, das proximidades. Todavia, com a remoção de alguns depósitos do *tumulus* 1, como a UE 256 ou a UE 248, começou a surgir, subitamente, uma grande quantidade de pedra lascada, alguns fragmentos de cerâmica manual e nódulos de barro de revestimento.

O primeiro conjunto de dados fazia recordar a situação registada na Sepultura do Marco Branco (Melides, Grândola), onde foram recolhidos núcleos, lamelas de sílex, lascas em sílex e

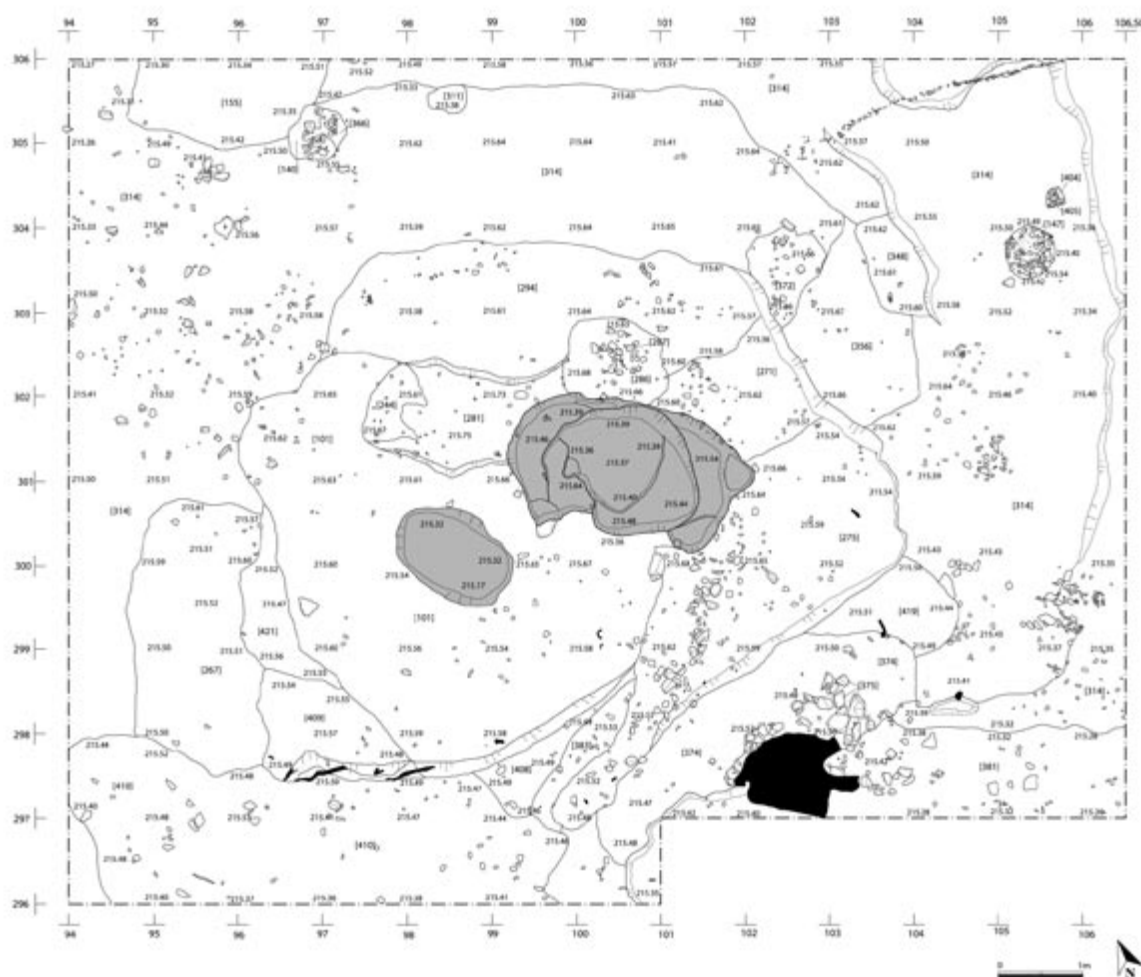


Fig. 4 Planta de topo do povoado (desenho de Mafalda Nobre).





Fig. 5 Fossas 1, 2, 3 e 4.

provocadas durante a edificação da necrópole (como é caso evidente da cova feita para a Sepultura 1 e da fossa de inumação da Sepultura 2, Fig. 4) e, sobretudo, pelas destruições recentes causadas pelos trabalhos agrícolas, que cortaram e subtraíram o provável prolongamento deste sítio, a Oeste, a Norte e a Este, foi possível identificar, numa área “preservada” com aproximadamente 130 m<sup>2</sup>, uma elevada densidade de estruturas e de depósitos, cuja sequência estratigráfica explica a possibilidade de existirem vários momentos na ocupação deste local e uma evolução na forma de utilizar o seu espaço.

A complexidade dos contextos arqueológicos identificados e a grande quantidade de materiais recolhidos neste nível, remete-nos para um futuro estudo exaustivo, não sendo este o momento para caracterizar minuciosamente a estratigrafia do povoado, nem o local para analisar as cadeias operativas dos materiais de pedra lascada.

Na superfície superior do povoado, destacam-se os seguintes aspectos: o topo da Fossa 1 (UE 286), da Fossa 2 (UE 372), da Fossa 3 (UE 140 e UE 366) e da Fossa 5 (UE 147); o depósito que estaria no fundo da Fossa 4 (UE 311); um depósito de grandes dimensões e de composição homogénea (UE 314), que ocupava o sector Norte e que foi cortado pelas Fossas 2, 3, 4 e 5; o depósito que serviu como piso de circulação interior da Câmara 1 (Sepultura 2) e como base de assentamento do *tumulus* 1 (UE 101); dois aglomerados de pedras (UE 375 e UE 275<sup>3</sup>), aparentemente organizados, mas sem uma forma definida, que podem ser o resultado da desmoronamento de estruturas erguidas sobre o solo.

Se a UE 314 assentava praticamente sobre a rocha-base, a UE 101 constituía o primeiro elo de uma sucessão de depósitos acumulados essencialmente no Sector Sul, da qual se destaca o facto da UE 101 estar por baixo da UE 281 (que é encostada pela UE 286 – topo da fossa 1) e cobrir parcialmente o topo da UE 406, que corresponde ao topo do enchimento da Fossa 6.

fragmentos de cerâmica, cuja proveniência poderia estar relacionada com a utilização de terras do povoado neolítico das Salemas, situado a 200 m de distância (Silva e Soares, 1983; Silva, 1987, p. 89). Mas, o progressivo aumento do número de achados indiciava a forte possibilidade de existir um povoado neolítico por baixo da necrópole, embora não se rejeitasse a hipótese destes materiais corresponderem aos restos dos objectos usados pelos construtores da necrópole, nem a circunstância de poder existir um carácter ritual e simbólico no surgimento de espólio nos *tumuli* (Silva e Soares, 1983, p. 85; Soares e Silva, 2000, p. 119).

A hipótese de existir um povoado começou a ser demonstrada com a remoção de vários depósitos (como a UE 101 ou a UE 275), que podem corresponder ao solo de ocupação do habitat, mas foi provada com a identificação de sete fossas abertas no solo, com evidentes sinais de utilização.

Apesar de o nosso conhecimento estar muito condicionado pelas alterações do solo

Este pequeno “detalhe” parece demonstrar a existência de momentos distintos na ocupação deste local, dado que a Fossa 6 já estaria integralmente coberta, aquando do abandono da Fossa 1.

As sete fossas concentravam-se numa estreita faixa de 60 m<sup>2</sup>, com as Fossas 1, 2 e 5 distribuídas pelo mesmo nível estratigráfico, com a Fossa 3 situada junto ao fundo da Fossa 4 e, por fim, com a Fossa 6 a cortar e a sobrepor-se à Fossa 7.

#### 4.1. Fossa 1

O topo da Fossa 1 começou a ser detectado com a remoção de uma mancha de terras de tonalidade amarelada (UE 172) e com a identificação de um depósito de terras avermelhadas (UE 286), que envolvia um pequeno aglomerado de pedras (UE 287), com pequenas dimensões e dispostas sem qualquer tipo de estruturação, apesar de estarem grosseiramente agrupadas numa zona subcircular.

A escavação das UEs 286 e UE 287 pôs à vista o *interface* de corte da fossa (UE 389), mais um depósito de terras praticamente negras<sup>4</sup> (UE 380) e uma película de barro vermelho (UE 390), que revestia as paredes daquela cova, com a excepção do fundo.

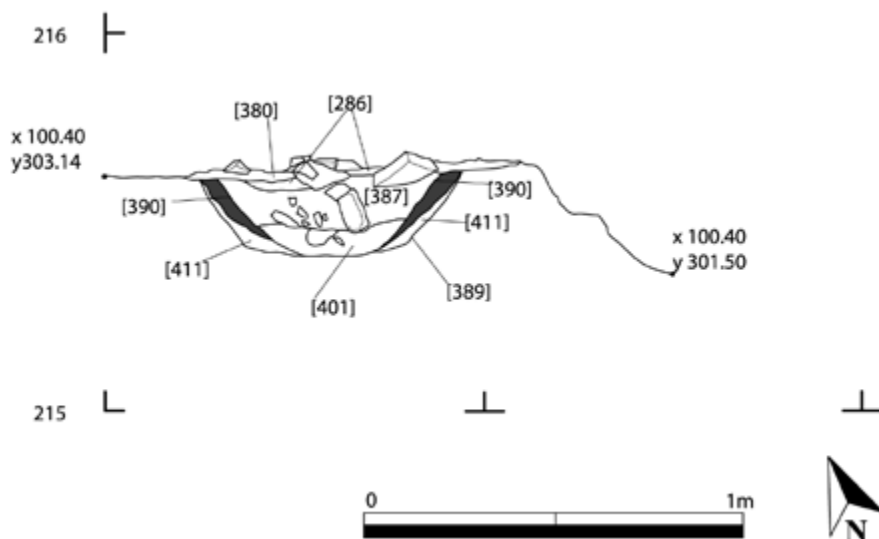


Fig. 6 Corte estratigráfico da Fossa 1 (desenho de Mafalda Nobre).

Contra as nossas expectativas iniciais, a UE 390 não encostava inteiramente na UE 389, mas sobrepunha-se a um depósito de terras pretas (UE 411), que preenchia o seu fundo.

A presença da UE 411 comprova que a Fossa 1 teve dois momentos de utilização: o primeiro relaciona-se com o processo de formação da UE 411; o segundo corresponde à colocação da UE 390 e à possível utilização do interior da concavidade como uma área de combustão, do tipo forno.

#### 4.2. Fossa 2

A Fossa 2 consistia numa pequena cova, com paredes praticamente rectas e superfícies lisas, sem marcas de vestígios de fogo, que se encontrava preenchida por terra e por algumas pedras.



Nesta estrutura destaca-se o registo de uma pequena bolsa de terras (UE 392), que preenchia uma concavidade (UE 450), feita no depósito existente no fundo da Fossa 2 (UE 394). A UE 450 tinha uma planta ovalada, era pouco profunda e podia corresponder ao negativo de um buraco de poste.

Tabela 1. Materiais arqueológicos recolhidos no interior das fossas

	<i>Fossa 1</i>	<i>Fossa 2</i>	<i>Fossa 3</i>
<i>Núcleo</i>	0	0	0
<i>Esquírola</i>	3	2	1
<i>Lasca</i>	0	0	1
<i>Lamela</i>	2	2	0
<i>Fragmento de cerâmica</i>	0	1	0
<i>Barro de revestimento</i>	0	0	1

#### 4.3. Fossa 3

Quando se procedia à definição do corte causado pela passagem das máquinas agrícolas (UE 114), detectou-se uma mancha de terras muito pretas (UE 140), que sugeria a existência de momentos de ocupação anteriores à construção da necrópole.

Com a remoção dos depósitos do *tumulus* 1 ficou à vista o topo da Fossa 3, formado por três unidades. Esta cova, ao contrário das restantes fossas, tinha as paredes muito irregulares, com alguns blocos de afloramento rochoso à vista e com uma inclinação elevada.

No seu interior, foram escavados vários depósitos de terras pretas ou de cor alaranjada, que envolviam algum cascalho e pedras com médias dimensões.

#### 4.4. Fossa 4

Tal como a Fossa 3, a Fossa 4 pode ter sido muito afectada pela lavoura (UE 114), tendo subsistido apenas um pequeno segmento da concavidade escavada no subsolo (UE 395) e um depósito de enchimento (UE 311).

O principal problema desta cova é definir-lhe a sua funcionalidade, dado que tanto pode corresponder a uma fossa como a um buraco de poste de grandes dimensões. Se compararmos com as outras estruturas negativas do povoado, verifica-se que tem muitos elementos comuns, como as dimensões do fundo e a presença de um depósito de terras negras. No entanto, se a UE 395 fosse uma fossa e considerando a profundidade média das restantes concavidades, a potência estratigráfica original deste sector deveria ter certamente mais 10-15 cm. O que terá acontecido a essa camada de terra?

A hipótese de a UE 395 ser a base de um grande buraco de poste é plausível, embora as únicas estruturas identificadas neste sítio e interpretadas como buracos de poste (UE 450 e UE 432) apresentem dimensões substancialmente menores. Assim, podem-se sugerir as possibilidades teóricas de ser a base de assentamento de um totem ou de um marco de sinalização do povoado ou da necrópole.

Tendo em conta o conjunto da informação disponível, optou-se por privilegiar a primeira hipótese (a de UE 395 ser o fundo de uma fossa), em detrimento da segunda, mas não se excluiu a terceira nem a quarta.

Tabela 2. Dimensões (cm) e formas das fossas				
	<i>Comprimento máximo</i>	<i>Largura máxima</i>	<i>Profundidade</i>	<i>Forma</i>
<i>Fossa 1</i>	76	66	24	<i>Subcircular</i>
<i>Fossa 2</i>	50	52	16	<i>Oval</i>
<i>Fossa 3</i>	62	64	30	<i>Subquadrangular</i>
<i>Fossa 5</i>	62	58	20	<i>Subcircular</i>
<i>Fossa 7</i>	100	90	40	<i>Subcircular</i>

#### 4.5. Fossa 5

O topo era constituído por uma grande quantidade de pedras de pequenas dimensões, dispostas num plano praticamente horizontal, e por um depósito de terras acinzentadas (UE 147). Este nível cobria outra camada de cascalho e de terra (UE 414), que se encontrava mais compacta e mais bem estruturada, provavelmente por não ter sofrido o mesmo grau de erosão que o segmento superior do empedrado.



Fig. 7 Topo da UE 414.

A Fossa 5 tinha uma planta subcircular, com paredes relativamente inclinadas, de superfície regular, embora tivesse alguns troços com vestígios da acção do fogo (paredes com manchas negras ou amareladas).

Esta estrutura negativa poderia estar relacionada com um pequeno buraco (UE 432), de forma circular e de pouca profundidade, que se encontrava preenchido integralmente por pedras de pequenas dimensões, envolvidas por terras castanhas, de textura barrenta.

A funcionalidade deste buraco é uma incógnita, embora se possa sugerir a hipótese de se tratar de um buraco de poste, preenchido por pedras e terra provenientes do derrube de outra estrutura.

#### 4.6. Fossa 6

A Fossa 6 destaca-se das restantes estruturas negativas, devido ao facto da sua construção ter causado o rompimento parcial da Fossa 7 e por ter sido cortada ao meio pela abertura da fossa de inumação da Sepultura 2 (UE 117).

Os vestígios identificados no Sector central (da área conhecida) demonstram inequivocamente que a ocupação neolítica do povoado decorreu ao longo de vários momentos, mas qual será a dimensão temporal de cada um? Serão dias, meses, anos ou décadas?

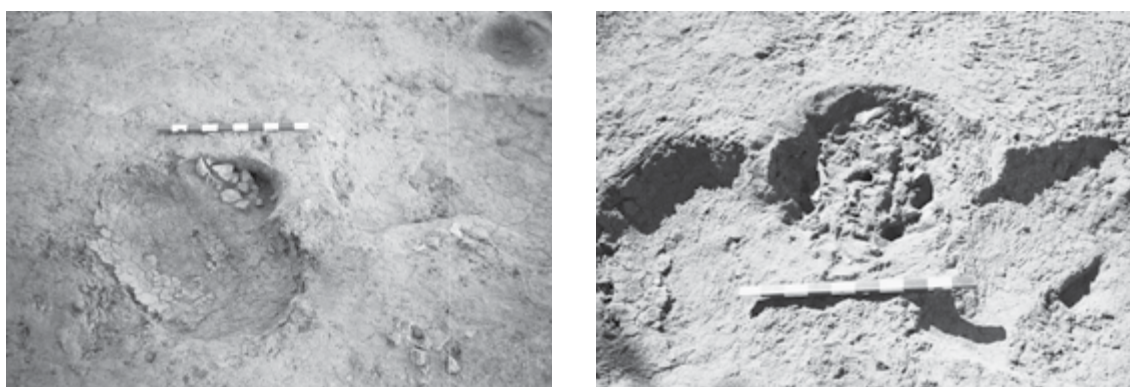


Fig. 8 Limite da Fossa 6 e enchimento da Fossa 7 (UE 437).

#### 4.7. Fossa 7

O surgimento da Fossa 7 constituiu a última grande surpresa, tendo sido obtida após a remoção de alguns depósitos da base do povoado (UE 294 e UE 398). O seu topo era formado por uma grande quantidade de pedras (UE 436), com pequenas e médias dimensões, dispostas praticamente numa camada horizontal, preenchendo o interior da cova. Estas pedras eram envolvidas por um depósito que aparentava claros sinais da acção de fogo, devido à sua coloração negra.

A remoção deste nível expôs outro depósito de terras castanhas escuras, que envolvia algumas pedras de tamanho médio ou reduzido (UE 437). Na base deste depósito foram descobertos quatro blocos pétreos de grandes dimensões, se comparadas com as restantes pedras recolhidas nestas estruturas, aparentemente estruturadas entre si, cuja funcionalidade é indeterminada.

### 5. Sepultura funerária 1

A primeira manifestação da prática de rituais funerários caracteriza-se pela presença de uma grande cova escavada nos depósitos do povoado e na rocha-base, no fundo da qual foi aberta uma ligeira depressão, onde se revestiu a base com uma fina camada de barro vermelho.

O nível funerário terá sido coberto por terra e selado por grandes lajes, das quais apenas uma se manteve *in situ*, não havendo vestígios evidentes da existência de uma estrutura tumular associada à sepultura. Esta situação pode ser explicada de várias formas: a ausência deve-se às destruições causadas pelos construtores das sepulturas mais recentes; os primeiros arquitectos não conheciam as técnicas necessárias para a sua construção, ou consideraram desnecessário erguer uma massa compacta de terra e de pedra; a ideia de *tumulus* não fazia parte da concepção simbólica e das práticas rituais daquelas gentes.



Fig. 9 Vista geral do ossário.

O *interface* de corte (UE 299) que estabelecia o espaço útil da sepultura encontrava-se bastante afectado pela construção da câmara mais recente da necrópole, todavia foi possível registar a base da cavidade.

No seu interior, o contexto funerário era constituído por um ossário (UE 448), que se encontrava praticamente confinado a uma pequena fossa (UE 168). Junto à sua base descobriu-se uma fina película de barro vermelho (UE 169), que deverá corresponder ao nível de deposição dos restos humanos, que se encontrava mal conservada, não cobrindo totalmente o seu fundo.

O ossário continha os remanescentes de, pelo menos, quatro indivíduos, dado que foram contabilizadas quatro repetições de quatro dentes distintos. Considerando o cálculo da idade à sua morte, a maioria não deveria ultrapassar os 15 anos  $\pm$  36 m, devendo os restantes ter uma idade superior aos 15 anos.

Os restos ósseos estavam acompanhados por três fragmentos de cerâmica manual, duas lamelas e uma lâmina (enchimento da sepultura); dois fragmentos de cerâmica manual, três geométricos e possivelmente uma lâmina (nível funerário).



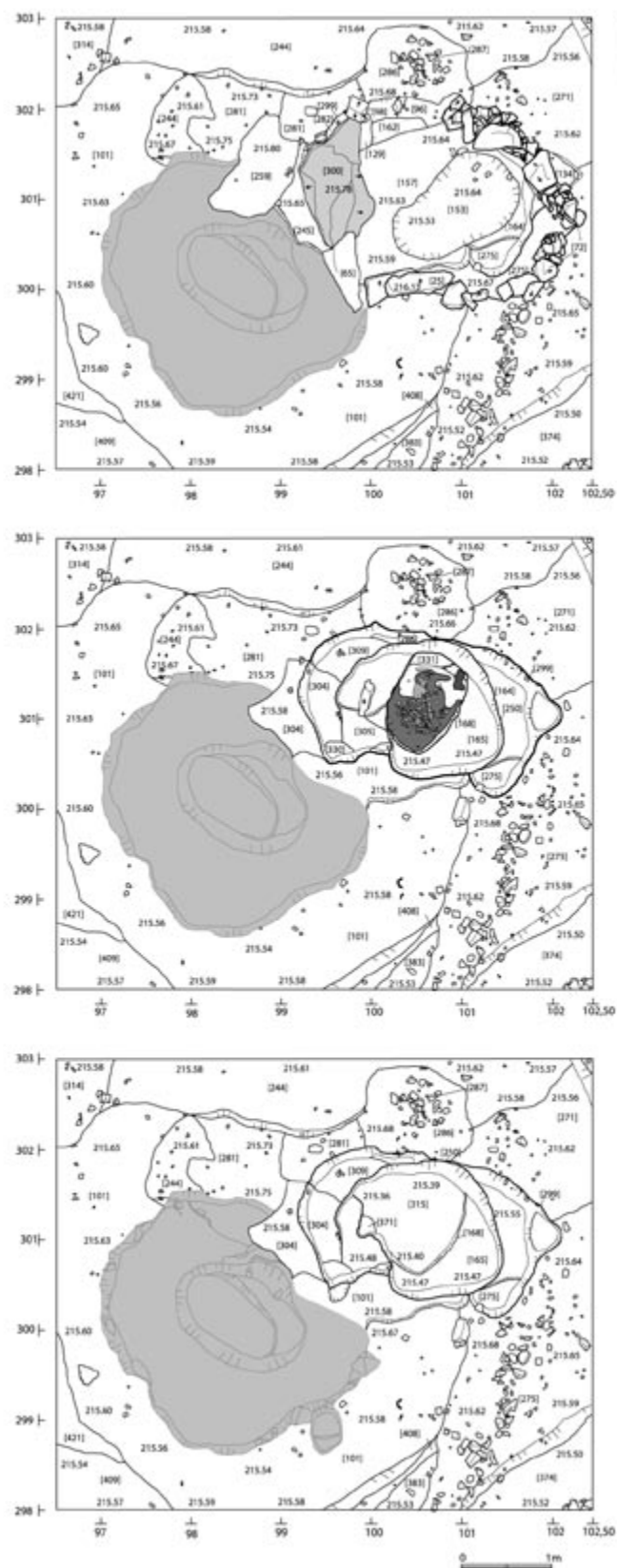


Fig. 10 Sequência estratigráfica da Sepultura 1 (desenhos de Mafalda Nobre).

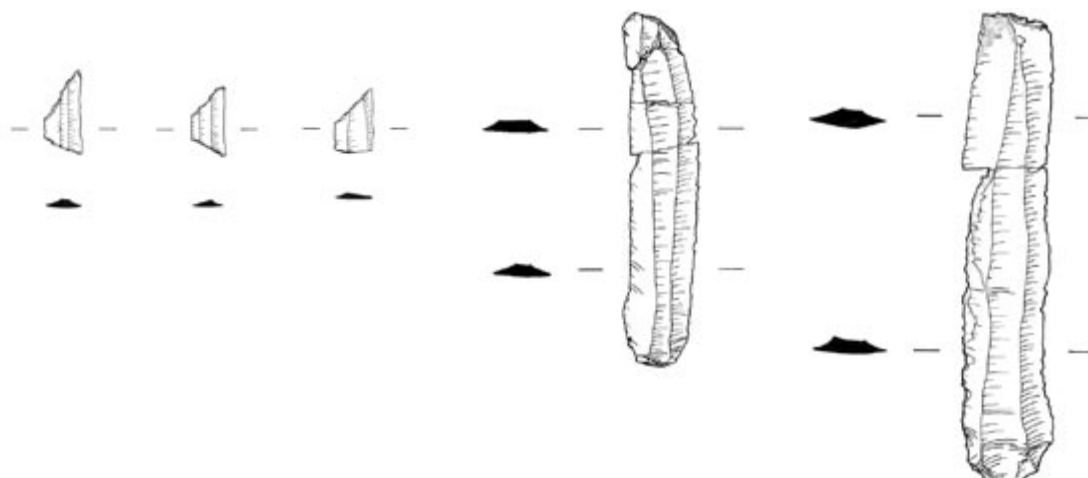


Fig. 11 Geométricos e lâminas recolhidas na Sepultura 1, esc. 1:2 (desenhos de Mafalda Nobre).

A cerâmica não tem qualquer tipo de decoração e não foi possível definir a forma dos recipientes cerâmicos, devido ao seu tamanho reduzido e à falta de fragmentos de bordo. Os geométricos correspondem a três trapézios sob lamela, em sílex; as duas lamelas são também em sílex, bem como, as duas lâminas.

Ao contrário das Câmaras 1 e 2 das Atafonas, nas quais foi identificada uma estrutura anelar a delimitar espaço, na Sepultura 1 não se detectaram vestígios de qualquer construção com aquelas características. Assim, no lado Oeste da sepultura, identificou-se apenas uma laje de cobertura (UE 300), que encostava praticamente no *interface* que delimitava o sepulcro, existindo apenas uma ligeira diferença que era preenchida por uma fina camada de terras e por algumas pedras que serviam de calços (UE 282).

Se valorizarmos a possibilidade da primeira sepultura ter tido duas ou três lajes de cobertura, a existência de apenas um bloco pode significar que o/s outro/s pode/m ter sido removido/s durante a construção do *tumulus* do Monumento 1 ou no decorrer da edificação da Câmara 2.

## 6. Monumento funerário 1

O primeiro monumento funerário das Atafonas é composto por uma câmara de planta ovalada, delimitada por um anel de pedras e de terras, e por uma estrutura tumular, com cerca de 12 m de diâmetro máximo conhecido. Esta sepultura foi construída com a intenção de encostar à primeira manifestação funerária das Atafonas e, dessa forma, conservar os elementos essenciais para perpetuação do valor simbólico deste local.

A maior diferença arquitectónica entre as duas sepulturas consiste na ausência de qualquer estrutura tumular no primeiro sepulcro e na escavação de uma cavidade para depositar os restos ósseos de vários indivíduos. Enquanto, na Sepultura 2, se regista a construção de uma câmara funerária e de um *tumulus*, com a finalidade de homenagear um indivíduo específico e de contribuir para a visibilidade social da comunidade que fez a obra.

A outra grande diferença registada entre os dois sepulcros reside nas práticas funerárias usadas, dado que a Sepultura 1 é caracterizada pela presença de um ossário, disposto numa ligeira depressão e sobre uma camada de barro vermelho, enquanto, na Sepultura 2, se identificaram os



vestígios de apenas uma pessoa, com os seus restos dispostos no interior de uma fossa escavada no subsolo, sobre outra película de barro vermelho.

### 6.1. *Tumulus*

O nosso conhecimento do *tumulus* 1 das Atafonas encontra-se limitado pelas destruições causadas no decorrer da edificação da segunda estrutura tumular, como se verificou no Subsector Este, onde um troço da mamoa foi cortado e extraído, de forma a existir espaço livre para se construir a segunda câmara. Tal como, está limitado pelos trabalhos da lavoura, que contribuíram para o revolvimento de depósitos, para a remoção de pedras e de terras dos segmentos ainda preservados e para a diluição dos vestígios arqueológicos.

A estrutura tumular era constituída por uma massa de terra e de pedra, disposta de forma concêntrica à volta do anel de pedras, que delimitava a câmara funerária. O nível inferior da mamoa era formado um elevado número de depósitos, com terras muito compactadas, que funcionavam como camada de nivelamento do solo e como base de apoio de uma complexa sequência de

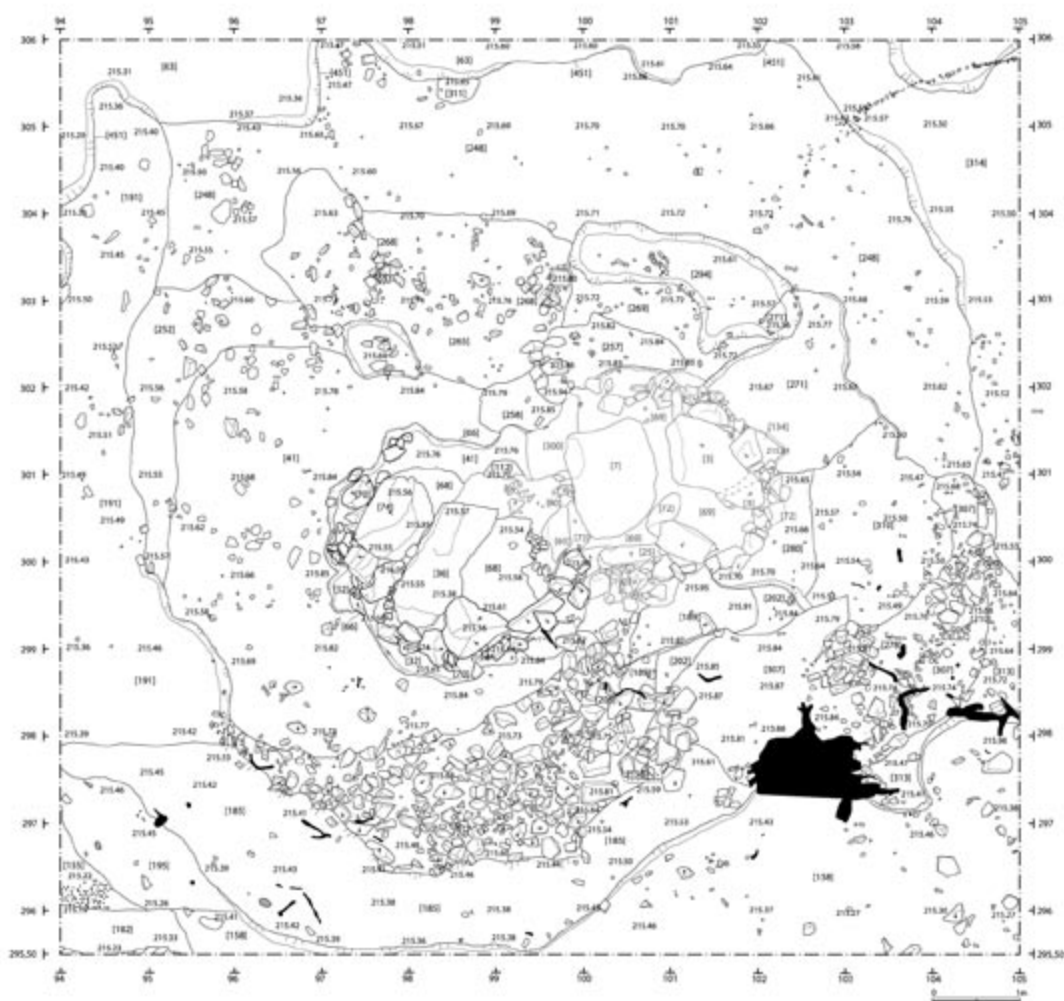


Fig. 12 Topo do Monumento 1 (desenho de Mafalda Nobre).

camadas de terra e de pedra, que caracterizava o segundo nível da estrutura tumular. Sobre este nível intermédio, a cobrir parcialmente as lajes de cobertura, distinguiu-se ainda outro nível de terras muito compactadas (UE 32).

No Sector Norte do *tumulus* 1, após a remoção das camadas de superfície, do *tumulus* 2 e do nível superior do *tumulus* 1 (UE 32), identificaram-se dois pequenos aglomerados de pedras, com pequenas e médias dimensões, aparentemente estruturados (UE 268), que podem corresponder a segmentos de camadas de pedras pertencentes à mamoa do monumento<sup>5</sup>.

O troço mais bem conservado do *tumulus* 1 estava localizado no Sector Sul, tendo sido possível registar uma parte significativa da sua arquitectura. O nível intermédio estava representado pela UE 176<sup>6</sup>, que era uma compacta camada de pedras com médias e pequenas dimensões, bastante estruturadas entre si, e dispostas ao longo de uma linha concêntrica à Câmara 1.

Quer a UE 176, quer a UE 177 estavam cortadas a Noroeste, devido aos trabalhos agrícolas, e a Sudeste da câmara 1, por causa da construção da Câmara 2 e do respectivo *tumulus*.

As UEs 176 e 177 encontravam-se sobrepostas por uma camada de terras de tonalidade amarelada (UE 41), que servia de limite à UE 66 e à estrutura anelar da Câmara 1, mas não deixa de ser problemático o facto da colocação deste depósito ser posterior à constituição da estrutura pétrea e de não existirem vestígios do prolongamento desta unidade sobre a UE 41.

A explicação poderá residir na técnica usada na construção do *tumulus*, com a intercalação de camadas de terra e de pedra, não existindo grandes camadas homogéneas de pedra, idênticas à UE 15 (*tumulus* 2), mas troços muito compactos de pedras imbricadas, que eram parcialmente sobrepostos por bolsas de terras, de matriz barrenta e muito compactadas, que, por sua vez, eram cobertas por mais troços de pedra.

Além desta técnica construtiva, que pode revelar um ritmo de trabalho pausado e intervalado (grande heterogeneidade na composição depósitos, reduzida dimensão dos contextos, intercalação segmentada das terras/pedras), identificaram-se mais dois aspectos técnicos singulares que merecem ser destacados.

Quando se identificou a UE 66, considerou-se que se tratava de um *interface* de corte, que cortava o *tumulus* (previamente erguido) com o intuito de criar uma concavidade de grandes dimensões, na qual seria erguida posteriormente a câmara funerária, com a estrutura anelar a encostar naquela parede.

Posteriormente, após a conclusão dos trabalhos de campo, considerou-se a hipótese da UE 66 constituir o negativo de uma estrutura de contenção de terras e de pedras, do tipo “cofragem”, feita com materiais perecíveis, que entretanto terá desaparecido. Assim, o hipotético taipal teria a dupla função de sustentar os depósitos do *tumulus* e de delimitar, logo à partida, os contornos exter-



Fig. 13 Vista geral do *tumulus* 1 (Sector Sul).

nos do espaço funerário. Com esta técnica, seria possível construir ao mesmo tempo a estrutura tumular e colocar as pedras e terras do anel.

A segunda técnica observada consistiu na sinalização prévia, com um alinhamento de pedras dispostas verticalmente e ligeiramente inclinadas (UE 290), do limite entre o *tumulus* e a Câmara 1, ou seja, os construtores marcaram logo no nível de base (sobre a UE 101) a divisória entre aquilo que seria a estrutura tumular e o espaço fechado da câmara.

As técnicas de construção descritas comprovam a existência de um projecto arquitectónico, que foi executado meticulosamente ao longo de várias etapas, e o surgimento de duas novas unidades arquitectónicas, nomeadamente a câmara funerária e o *tumulus*, que representam uma clara evolução na arquitectura e nos rituais funerários, em relação à Sepultura 1.

## 6.2. Câmara 1

A informação disponível para a câmara do Monumento 1 é maior, dado que foi menos afectada pela passagem das máquinas agrícolas, ao contrário da Câmara 2, que sofreu um profundo corte, no sentido Noroeste/Sudeste, alterando substancialmente os contextos arqueológicos.

A cobertura deveria ser formada originalmente por três grandes lajes, tendo sido encontradas *in situ* apenas duas (UE 36 e 74). A terceira laje deverá ter sido removida no decorrer da construção da Câmara 2, com a finalidade de criar espaço de manobra para erguer e consolidar um dos “esteios” da segunda câmara.

O espaço funerário era delimitado por uma estrutura anelar, erguida com pedras de várias dimensões e com terra muito compactada (UE 70 e UE 240), que criava um espaço interior fechado.

No centro da câmara, verificou-se que o solo (UE 101), onde assentava o anel de pedra e de terra, era cortado por uma fossa (UE 117), com paredes de superfície regular, contínua e uma



Fig. 14 Cobertura da Sepultura 2.



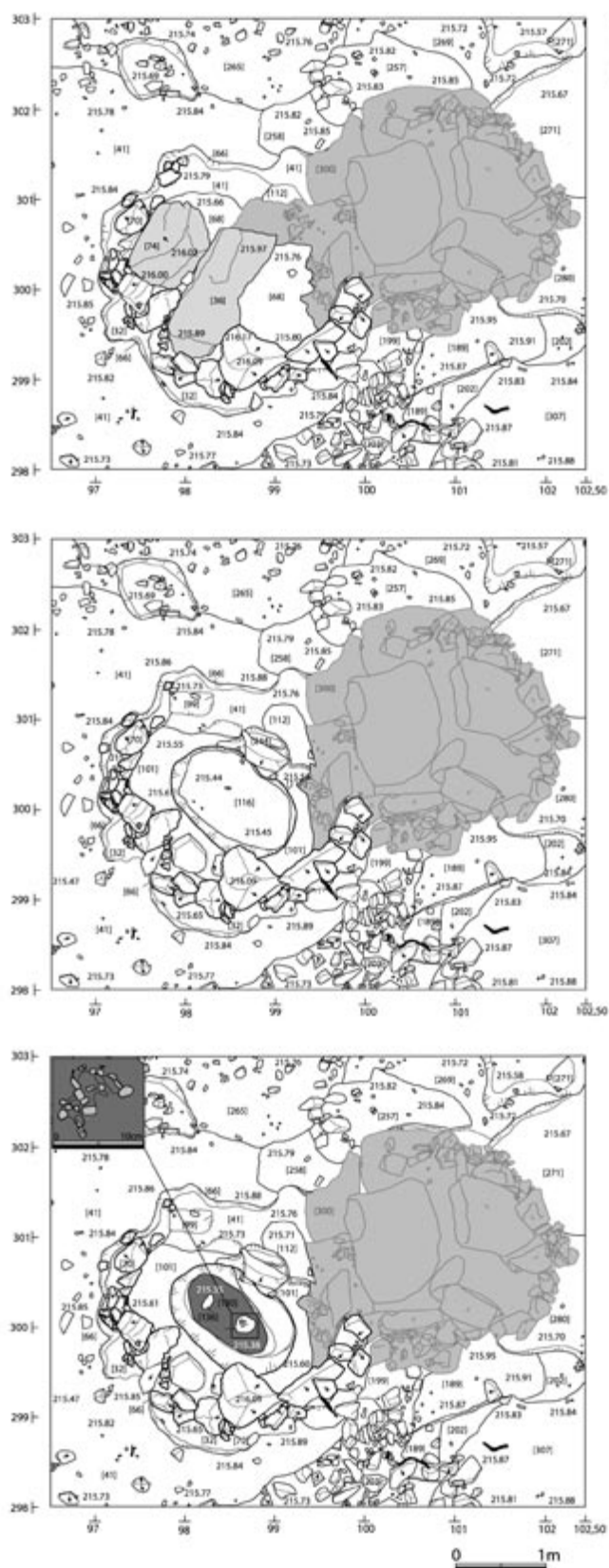


Fig. 15 Sequência estratigráfica da Sepultura 2 (desenhos de Mafalda Nobre).

inclinação semi-abrupta, embora, na extremidade Sudeste, existisse uma ligeira descontinuidade, provocada pela presença de uma pequena plataforma.

Praticamente na base, identificou-se uma camada de argilas vermelhas (UE 130), com cerca de 5 mm de espessura, medianamente compactada, que cobria a totalidade do espaço disponível e encostava às suas paredes. Esta plataforma de argila deveria funcionar como superfície para colocar os restos humanos (UE 448), que consistiam somente em dois maxilares sobrepostos (no total de 22 dentes), de um indivíduo, que deveria ter uma idade entre os 10 e 12 anos  $\pm$  30 meses, quando morreu.



Fig. 16 Câmara 2.

Face aos vestígios observados, não é possível determinar se existiu uma deposição primária ou uma inumação secundária, como sucedeu na Sepultura 1. De qualquer das formas, não deixa de ser significativo a idade calculada para o indivíduo, dado que é aceite comumente a importância social do ancião «O monumento proto-megalítico representa, por hipótese, a sepultura do ancião, do antepassado, “fonte de conhecimento e regulador do ciclo agrícola”» (Silva, 1997, p. 582).

O revestimento de argila cobria uma fina camada de terras castanhas e de textura arenosa (UE 200), que preenchia a base da fossa de inumação e cobria a rocha de base.

O espólio funerário era composto por apenas duas contas de colar, em “pedra verde”, que se encontravam completas. Nos depósitos que preenchiam a cova<sup>7</sup>, recolheu-se apenas, na UE 116, um fragmento de cerâmica manual, sem decoração e uma pequena esquirola, na UE 68.



Fig. 17 Contas de colar da Sepultura 2, esc. 1:2 (desenhos de Mafalda Nobre).

Tabela 3. Dimensão e forma geral das sepulturas

	UE	Comp. máximo (m)	Larg. máxima (m)	Altura (m)	Forma
<b>SEPULTURA 1</b>					
Abertura superior	299	2,94	1,64	0,3	Oval alongada
Corte intermédio	250	1,92	1,54	0,1	Subcircular
Fossa de inumação	168	1,2	0,8	0,05	Sub-rectangular
<b>SEPULTURA 2</b>					
Câmara 1 (exterior)	66	3,1	2,8	0,26	Subcircular
Câmara 1 (interior)	70; 240	3	2,7	0,4	Oval
Fossa de inumação	117	1,5	0,9	0,3	Oval alongada
<b>SEPULTURA 3</b>					
Câmara 2 (exterior)	215	2,6	2,6	0,15	Subcircular
Câmara 2 (interior)	72	2,65	2,85	0,4	Oval
Fossa de inumação	150	1,64	1,1	0,1	Sub-rectangular

## 7. Monumento funerário 2

O Monumento 2 é o resultado de uma profunda transformação arquitectónica e constitui mais uma etapa evolutiva na necrópole. Os seus construtores “desmontaram” um troço do *tumulus* 1, no lado Este, e ergueram outra câmara funerária encostada à Câmara 1, criando uma perfeita simetria entre os dois compartimentos.

A construção da Câmara 2 foi acompanhada pela edificação de uma estrutura tumular de grandes dimensões, que redimensionou substancialmente a anterior composição do sítio e que lhe acrescentou maior monumentalidade.

### 7.1. *Tumulus* 2

O registo arqueológico revela uma grande diferença qualitativa na informação, entre o Sector Norte, onde os elementos pétreos estavam praticamente ausentes e o conjunto de depósitos associado apresentava uma espessura ínfima, e o Sector Sul, onde a estratigrafia estava mais bem conservada, tendo sido possível conhecer a morfologia da construção, bem como, as técnicas e os materiais usados.

Esta situação pode ser explicada pelas destruições recentes, causadas pelos trabalhos agrícolas e das quais há múltiplos sinais, mas não se deve excluir a possibilidade da estrutura tumular ter tido uma volumetria mais reduzida neste sector, proporcionando o seu rápido desaparecimento.

A remodelação desenvolveu-se a partir da planificação de dois eixos estruturantes: o eixo central composto pelas Câmaras 1 e 2, circundadas provavelmente por dois anéis pétreos, separados por uma faixa de terra; o eixo longitudinal, formado por um importante troço do *tumulus* 2, erigido sobre uma crista de afloramento rochoso, orientada no sentido Oeste-Este.

Para além desta faixa de rocha poder ter sido usada como fonte de matéria-prima para o abastecimento de material pétreo, serviu como base sólida para a construção da mamoa e como termo do sepulcro. De facto, o seu limite, coincide com a fractura principal desta crista de rochas de fácies granitóides, que define uma face praticamente vertical e de superfícies regulares, nos troços de rocha mais consolidada, e de superfícies mais irregulares, nos segmentos de maior cizalhamento.



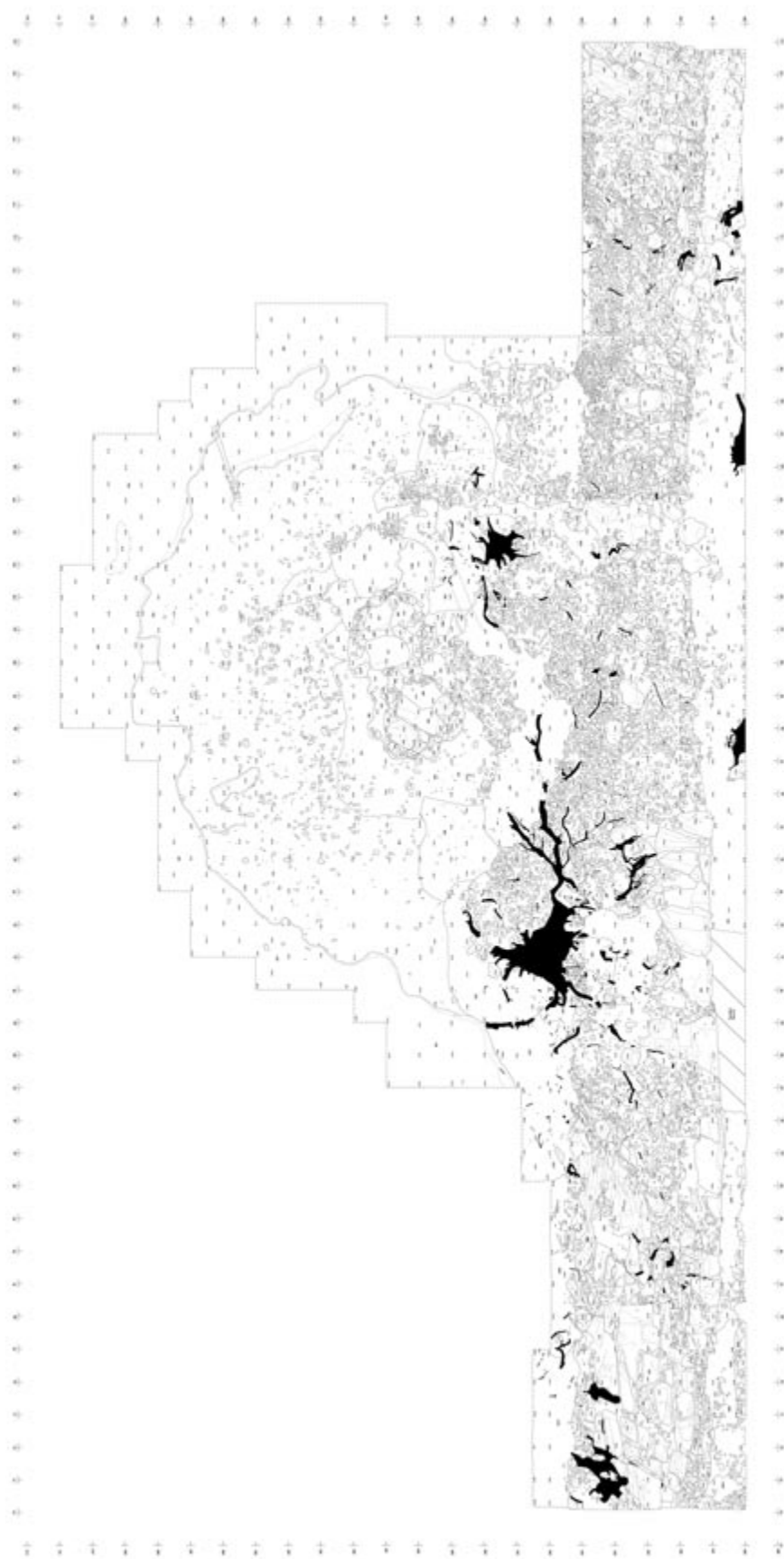


Fig. 18 Topo do Monumento 2 (desenho de Mafalda Nobre).



Fig. 19 Derrube do *tumulus* 2 (extremidade Sudoeste e extremidade Sudeste).

Embora esta face corresponda a uma fractura natural, conjuntamente com a estrutura tumular (UE 61 e UE 64), configura visualmente uma parede (UE 100), com cerca de 40 m de extensão e mais de 1,5 m de altura, em alguns dos sectores mais bem conservados.

No Sector Sul, o *tumulus* 2 tinha uma composição mista, com elementos de natureza geológica integrados na sua estrutura e segmentos construídos com pedra imbricada, ou pedra envolvida em terra muito compactada.

Esta unidade arquitectónica apresentava diversas morfologias ao longo da sua extensão, variando consoante o grau de alteração química e de cisalhamento da rocha-base, e conforme os seus diferentes estados de conservação. Verificou-se que a estrutura tumular construída é substancialmente menor nas extremidades Sudeste e Sudoeste, nas quais se registaram grandes camadas de derrube, enquanto no Sector Central (a zona mais bem preservada), se observou uma menor densidade de materiais de construção tombados.

A escassez de vestígios nas extremidades da estrutura longitudinal pode ter três causas: 1) deslizamento da massa tumular e desmoronamento do edifício, como indiciam os grandes derrubes; 2) utilização de técnicas e de materiais de construção diferentes daqueles que foram usados na zona central; 3) volume de construção mais reduzido nestas áreas (tendo a estrutura de empedrado sido substituída pela elevada densidade de fracturação da rocha-base, com bolsas de “empedrados” naturais).

As extremidades Sudoeste e Sudeste do *tumulus* 2 estavam efectivamente arruinadas e só foram identificadas algumas unidades da sua base<sup>8</sup>, que estariam a nivelar as irregularidades da rocha base e que foram mais difíceis de distinguir, devido à sua grande fracturação.

Numa dessas bolsas, que preenchia um interstício da rocha, detectou-se uma mancha de terras castanhas e pouco compactadas (UE 452), que continha uma grande quantidade de fragmentos de recipientes cerâmicos, com vários fabricos e de diversos tipos.

O “ninho” de cerâmica estava localizado numa zona muito restrita, entre uma depressão existente no afloramento rochoso, podendo ser de fundação anterior à edificação do Monumento 2.

No entanto, convém sublinhar que o mau estado de conservação do segmento da UE 61, que cobria a UE 452, não impede que o depósito de materiais tenha sido colocado num momento posterior à construção da carapaça pétrea, podendo ter sido coberto com os mesmos materiais.

O segundo eixo estruturante do Monumento 2 desenvolve-se de forma concêntrica, a partir de um núcleo, que neste caso corresponde à Câmara 2. Se aceitarmos a hipótese de a UE 103 ser o limite externo conhecido do *tumulus* 2<sup>9</sup>, esta estrutura circular poderia ter, na zona Norte, um diâmetro aproximado de 70 m de comprimento, com cerca de 35 m de raio, entre o centro da câmara e o interface externo da UE 103.

A Câmara 2 deveria ser circundada por dois anéis de pedra, divididos aparentemente por uma camada de terra (UE 77), disposta de forma circular (acompanhando a curvatura geral das duas câmaras) e com uma superfície relativamente aplanada. O anel central está relativamente mal conservado (UE 125<sup>10</sup>), mas o anel externo observado no Sector Sul era constituído por uma enorme massa de pedras (UE 15), com cerca de 30-40 cm de espessura, com blocos de médias e grandes dimensões, que estavam estruturados de forma imbricada, configurando uma figura circular.

Este grande aglomerado pétreo formava um socalco artificial, que reduzia o desnível existente entre o topo da “fachada” Sul e a plataforma onde foram construídas as sepulturas, sobrepondo-se à fractura geológica e prolongando-se no sentido Noroeste, onde deverá ter sido cortado pelas máquinas agrícolas.

No Subsector Sudoeste, enquanto se delimitava a UE 15, identificou-se uma estrutura linear formada por blocos de médias/grandes dimensões, que funcionava como anel de contenção do corpo principal (UE 86). Apesar de não se demarcar claramente, nem constituir qualquer limite exterior da mamoa, esta sequência de blocos funcionaria como linha de apoio interno e de suporte do maior volume de terras e de pedras, no sítio de maior instabilidade estrutural (onde a curvatura da UE 15 coincide com o ponto de maior desnível no afloramento rochoso).



Fig. 20 Vista geral do *tumulus* 2 (Sector Central).



No Sector Sul, a UE 15 era parcialmente coberta por uma extensa camada de pedras, com pequenas dimensões, dispersas de forma caótica, que eram envolvidas por terras castanhas (UE 61). Apesar da sua reduzida estruturação, a UE 61<sup>11</sup> formava uma massa compacta, que regularizava os cortes feitos na UE 100 e as depressões existentes na superfície mais acidentada da rocha base.

No Subsector Oeste, a UE 15 assentava sobre uma camada uniforme de terras de textura granulosa (UE 85), enquanto que na zona central encostava na UE 126<sup>12</sup>, junto à linha de topo da carapaça, e na UE 64, na área da crista de falha. No Subsector Este, a carapaça estava mais mal conservada, tendo-se registado apenas alguns segmentos (UE 111 e UE 120).

## 7.2. Câmara 2

A câmara da terceira sepultura deveria ser coberta por duas grandes lajes de cobertura (UE 3 e UE 7), que tinham um bloco de médias dimensões a servir como cunha (UE 92).

A UE 7 consistia num bloco de grandes dimensões, que se encontrava tombado no interior da Câmara 2 e que apresentava um elevado grau de alteração, não tendo sido possível recolher qualquer segmento conservado, devido à sua reduzida compactação.

Ao contrário da UE 7, que estava *in situ*, a UE 3 poderá ter sido deslocada da sua posição original, pelas máquinas agrícolas, e colocada ao alto, tendo ficado perfeitamente encaixada no anel pétreo (UE 72). Terá sido esta posição destacada da UE 3, que chamou atenção da equipa de arqueologia, na fase de Estudo de Impacte Ambiental do Canal de Rega, e motivou o registo deste local como sítio de interesse arqueológico (Profico, 2003).



Fig. 21 Topo da Câmara 2.

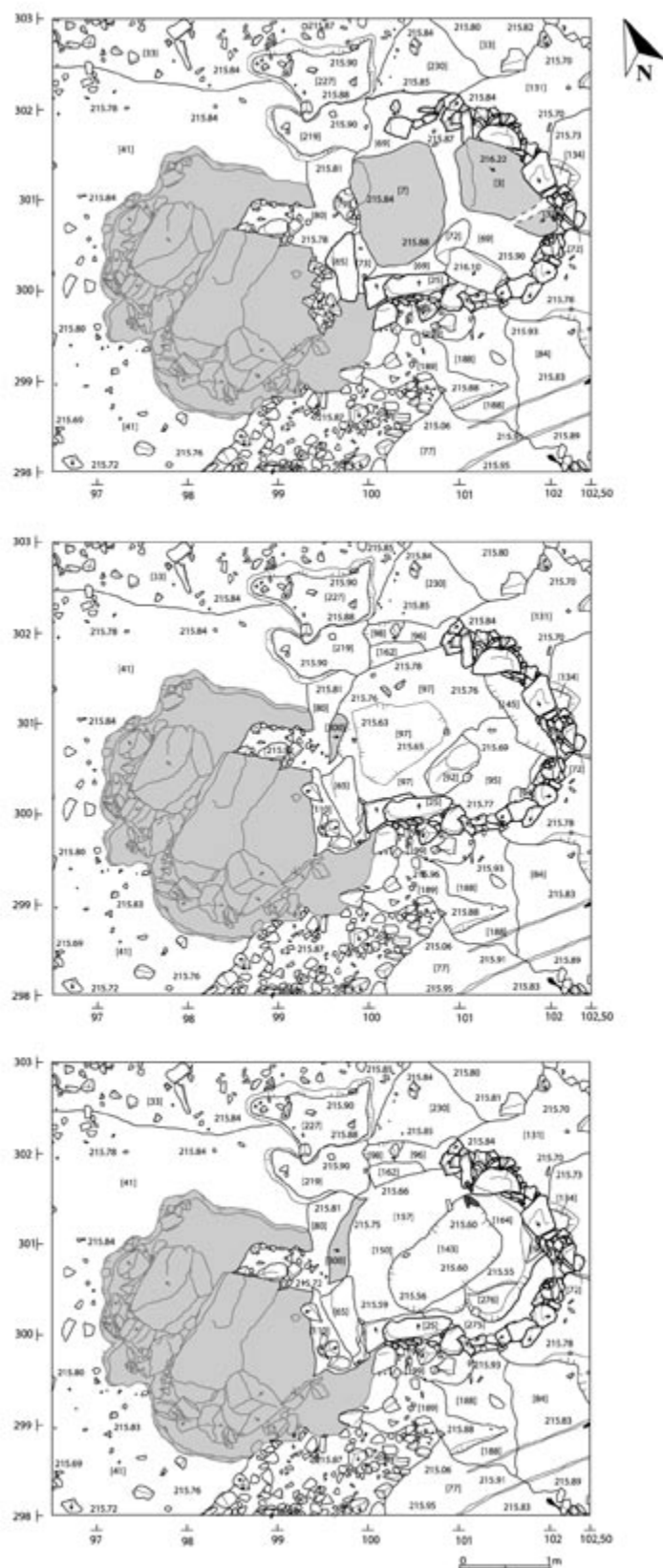


Fig. 22 Sequência estratigráfica da Sepultura 3 (desenhos de Mafalda Nobre).

Tabela 4. Dimensão e forma das lajes de cobertura					
	UE	Comp. máximo (m)	Larg. máxima (m)	Altura (m)	Forma
SEPULTURA 1					
Laje 1	300	1,5	0,7	0,4	Sub-rectangular
SEPULTURA 2					
Laje 1	66	1,6	0,7	0,3	Sub-rectangular alongada
Laje 2	74	1	0,7	0,35	Sub-rectangular
SEPULTURA 3					
Laje 1	3	1,4	0,8	0,22	Sub-rectangular
Laje 2	7	1,5	1	0,26	Sub-rectangular

Tal como a Câmara 1, o novo ambiente funerário estava demarcado por uma estrutura anelar, que tinha uma composição bastante mais complexa que a UE 70. O anel pétreo (UE 72) era constituído por blocos de médias dimensões, intervalados por pedras de tamanho mais reduzido, que preenchem os espaços vazios existentes entre os blocos maiores, juntamente com depósitos de terra muito compactada.

Esta construção constituía o segmento superior de uma estrutura formada também por um anel de terra, que poderia funcionar como o “alicerce” ou o “embasamento” do troço mais “visível”. Mas, ao contrário do que se verificou na Câmara 1, o correspondente nível de terra era constituído por uma grande variedade de depósitos, com composições relativamente distintas<sup>13</sup>.

A escavação de todos os depósitos da estrutura anelar possibilitou a delimitação integral da cova aberta no solo (UE 215), cuja realização provocou a destruição parcial do *tumulus* 1, o rompimento do Sector Este da Câmara 2 e o corte de alguns depósitos do povoado pré-existente.



Fig. 23 Fossa de inumação da Câmara 2.



O nível funerário era formado por um depósito de terras castanhas (UE 143) que preenchia uma concavidade (UE 150), de forma sub-rectangular, orientada segundo o eixo SO-NE.

No seu interior, não foram identificados vestígios de ossos humanos, nem se registou a camada vermelha no fundo da fossa, como nas Sepulturas 1 e 2, todavia, recolheram-se dois machados (secção oval) e uma enxó (secção sub-rectangular), que se encontravam concentrados na mesma área, para além de duas lamelas e um fragmento de cerâmica manual.

## 8. Leituras prévias para futuras respostas

O nosso conhecimento sobre a ocupação pré-histórica desta microrregião do concelho de Évora (S. Manços, Torre de Coelheiros e Monte do Trigo) baseia-se, ainda, nos trabalhos divulgados pelo casal Leisner, sobretudo no seu levantamento arqueológico das antas de Évora (Leisner, 1949), sendo necessário aguardar pela sistematização rigorosa dos dados obtidos na minimização de impactes do Alqueva, que irá certamente enriquecer o quadro de referências patrimoniais.

O sítio arqueológico das Atafonas está localizado próximo de um núcleo de antas conhecido, das quais se destacam a Anta das Atafonas e a Anta da Herdade da Defesa Grande (Leisner, 1949, p. 56), por serem exemplares típicos da “fase de apogeu do megalitismo” (Silva, 1987, p. 86), bem como, as duas Antas do Freixo de Baixo, por poderem corresponder à “Fase Média” do megalitismo (Silva, 1993, p. 172).

Segundo o modelo tradicional estabelecido para o megalitismo do Sudoeste peninsular (Savory, 1969; Leisner, 1983; Silva e Soares, 1983), as Sepulturas 2 e 3 das Atafonas, poderiam enquadrar-se consensualmente no denominado período “proto-megalítico”, mas como situar culturalmente a Sepultura 1? Poderá ser como refere Vera Leisner, em 1966, “(...) é a pré e proto-fase dos megálitos decorrente do Mesolítico” (Leisner, 1983, p. 9). Poderá ser a Sepultura 1 o “elo perdido”? Qual poderá ser a relação da Sepultura 1 com o povoado? A Sepultura 1 representa uma completa ruptura com a ocupação anterior?

O povoado das Atafonas não tem características verdadeiramente inéditas, quer do ponto de vista das estruturas negativas expostas, quer nos materiais arqueológicos recolhidos, embora a ausência de cerâmica decorada possa ser interpretada como um elemento cronológico diferenciador (Diniz, 2000, p. 105). A inexistência de fragmentos cerâmicos sem decoração impressa (cardial ou não-cardial), incisa, ou sem elementos plásticos, pode significar uma etapa posterior no modelo clássico da neolitização (Neolítico Médio), correspondente aos povoados da Fábrica da Celulose, Pipas, Quinta da Fidalga (Soares e Silva, 1992, p. 47), ao “horizonte” da Comporta II (Silva et al., 1986) e aos primeiros monumentos megalíticos, como a anta do Poço da Gateira 1 (Silva, 1997, p. 582).

Considerando que nos contextos do povoado se recolheram apenas 9 fragmentos de cerâmica e que em toda a intervenção arqueológica não se removeram mais de 60 fragmentos de produção manual, não contabilizando os materiais recolhidos na UE 452, é forçoso ter alguma prudência na interpretação sobre o significado da ausência de decoração, dado que a amostragem não é estatisticamente representativa, se compararmos com os fragmentos de outros povoados do neolítico antigo. Todos os recipientes serão decorados? Qual é a percentagem de recipientes sem decoração?

Optando por uma leitura tradicional; poderá ser correcto atribuir o povoado das Atafonas ao Neolítico Médio; mas como explicar então as características “arcaizantes” das Sepulturas 2 e 3, que segundo os modelos explicativos convencionais deveriam ser “proto-megalíticas”? Como resolver esta contradição estratigráfica? Esta necrópole corresponderia a um processo paralelo no megalitismo alentejano, conforme o modelo 2 apresentado por Vítor Oliveira Jorge “ (...) admitiria a

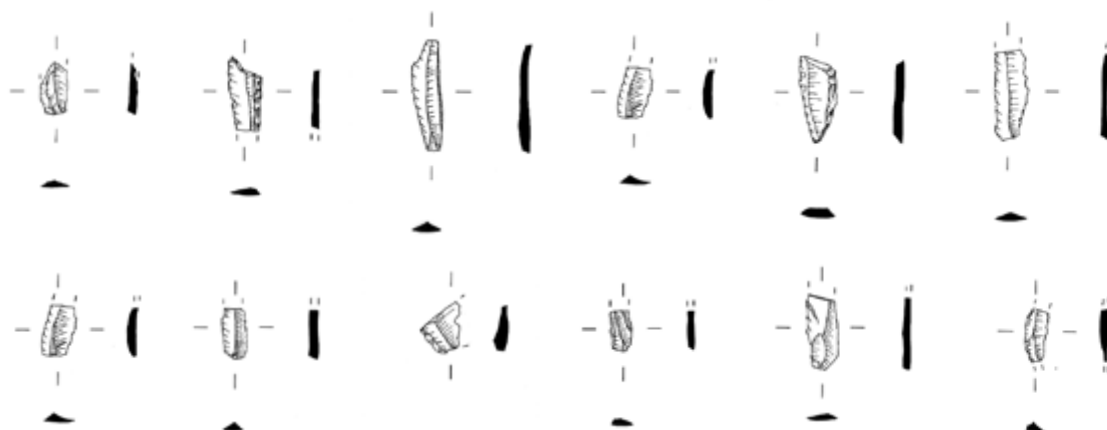


Fig. 24 Indústria lítica do Povoado das Atafonas, esc. 1:2 (desenhos de Mafalda Nobre).

contemporaneidade do surgimento de soluções diferentes, nomeadamente de pequenos dólmenes, com ou sem corredor” (Jorge, 1983-1984, p. 44)?

Embora o estudo da pedra lascada ainda esteja numa fase preliminar, a observação e a classificação dos materiais retirados do povoado demonstram que existem semelhanças tipológicas evidentes com utensílios provenientes de sítios como, por exemplo, a Valada do Mato (Diniz e Calado, 1998), Vale Pincel I (Silva e Soares, 1981) ou Cabranosa (Cardoso et al., 1998).

Como refere Mariana Diniz (2000, p. 109), os recentes trabalhos no Alentejo Central têm demonstrado que “ (...) não terá sido a paisagem deserta onde posteriormente eclode um megalitismo funerário sem antecedentes populacionais que o justificassem, ao invés estaríamos perante uma base demográfica, responsável por uma arquitectura social que permitiu situações posteriores”. Esta constatação, que agora parece evidente, suscita uma outra questão, que se relaciona com a escassez de vestígios das práticas funerárias durante o Neolítico Antigo. Onde estão os locais dedicados aos mortos e como seriam as práticas funerárias?

A dificuldade demonstrada na detecção dos contextos habitacionais é idêntica à nossa incapacidade de localizar os respectivos ambientes funerários, quer pela aparente “invisibilidade” dos vestígios, quer pela sua eventual inexistência.

Como já foi explicado, a Sepultura 1 é claramente diferente das outras sepulturas, dado que se trata de uma construção em fossa, no interior da qual foi criado um ossário, com inumações secundárias; ou seja, não apresenta as características da fase “proto-megalítica”, que podem ser eventualmente encontradas nas Sepulturas 2 e 3.

A Sepultura 1 poderá expressar a materialização de uma prática funerária tardia, com ténues influências dos “rituais mesolíticos”, nomeadamente, deposição em fossa e próximo do local de habitat, como se verificou no sítio mesolítico da Moita do Sebastião, em Muge (Roche, 1960), e, aparentemente, na Samouqueira 1 (Sines), onde foram exumados restos de duas inumações (Soares e Silva, 2000, p. 129).

Perante a sucessão de eventos nas Atafonas, a Sepultura 1 poderá ser representativa das práticas funerárias de grupos neolíticos locais (quer sejam do Neolítico “Antigo”, do “Antigo Evolucionado” ou do “Médio”), numa etapa anterior à construção das câmaras designadas “proto-megalíticas”.

A sua arquitectura “subterrânea” comprova a dificuldade na detecção deste tipo de construções, que não são visíveis à superfície do solo, enquanto a presença do ossário, com inumações secundárias, demonstra que existiam necessariamente outros locais, onde os corpos seriam inicialmente colocados, com o respectivo espólio. Num segundo momento, os restos ósseos seriam



Fig. 25 Vista geral das Câmaras 1 e 2.

recolhidos e depositados, num sepulcro de natureza colectiva, com algum espólio artefactual, que poderá ser diferente do original.

Outra questão que se pode apresentar consiste na utilização do termo Sepultura neste sepulcro e de Monumento nos restantes túmulos. As três estruturas são sepulturas, mas será que são todos Monumentos?

A nossa opção valoriza as disparidades existentes na cronologia, na morfologia, no esforço, na planificação e na finalidade destas três unidades. Se o projecto inicial prima pela simplicidade da sua arquitectura, com poucos ou nenhuns elementos construídos, pela sua natureza exclusivamente subterrânea e pela constituição de um ossário, no segundo e, sobretudo, no terceiro empreendimento, a complexidade das suas arquitecturas, das técnicas e dos materiais de construção usados e o registo de uma inumação individual na Sepultura 2, deverá obrigar-nos a reflectir e repensar o nosso conhecimento sobre o significado social e simbólico dos rituais funerários praticados entre a segunda metade do V milénio e a primeira metade do IV milénio.

Ao contrário das outras necrópoles já referenciadas para este período, nomeadamente o conjunto polinuclear do Pessegueiro (Soares e Silva, 2000, p. 121) e o agrupamento da Palmeira (Formosinho et al., 1953; Soares e Silva, 2000, p. 121), a necrópole das Atafonas é mononuclear, dado que as três sepulturas estão integradas no mesmo edifício. Qual o significado desta permanência e estruturação do espaço? Qual a razão para as diferenças encontradas nos rituais funerários?

O conjunto de construções observado neste sítio enquadra-se nos complexos processos de transição das comunidades do Sudoeste peninsular, relacionados com o incremento do sistema agro-pastoril e com o aparecimento do megalitismo, nas suas mais variadas formas e ritmos de desenvolvimento.

A necrópole das Atafonas pode corresponder a uma das primeiras manifestações sociais relacionadas com o enraizamento de uma comunidade num território específico.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Arqueólogo da empresa Terralevis, Arqueologia, Património e Sistemas de Informação, Lda. j.albergaria@gmail.com
- <sup>2</sup> As coordenadas absolutas das Atafonas são: M – 229832,360; P – 162104,053; Z – 216,2 (sistema de projecção Hayford Gauss, Datum 73).
- <sup>3</sup> As pedras da UE 375 configuram uma forma vagamente circular, enquanto que as pedras da UE 275 sugerem uma forma linear.
- <sup>4</sup> A UE 380 cobria outro depósito de terras pretas (UE 387), que envolvia outro aglomerado de pedras de dimensões reduzidas (UE 449), que aparentava estar estruturado num plano horizontal.
- <sup>5</sup> Embora esta interpretação funcional possa suscitar algumas dúvidas, a base das pedras estava envolvida por um depósito de terras muito compactadas (UE 265), que faz parte do tumulus 1, e os blocos estavam sobrepostos de forma compacta, ao contrário das pedras soltas ou dos amontoados de pedra solta.
- <sup>6</sup> A UE 176 assentava sobre um depósito de terras castanhas (UE 177).
- <sup>7</sup> UE 68, UE 116 e UE 136. Convém referir que a UE 136 envolvia a UE 448.
- <sup>8</sup> Como as UEs 334, 335 e 336 e a UE 61 (Sector Sudoeste)
- <sup>9</sup> A UE 103 encostava na UE 85.
- <sup>10</sup> Aglomerado de pedras com pequenas e médias dimensões, dispostas uniformemente numa camada pétrea, que apresentava uma ligeira inclinação. O topo desta unidade estava parcialmente alterado pela passagem das máquinas agrícolas, que devem ter deslocado algumas pedras da sua posição original.
- <sup>11</sup> A UE 61 cobria uma película de terras castanhas amareladas (UE 64), a partir da qual se construiu o *tumulus* 2, no Sector Sul.
- <sup>12</sup> A UE 126 era um depósito de terras castanhas, muito compactadas, que estavam dispostas, em forma de lomba, sob a linha interna do anel exterior (UE 15), a acompanhar a curvatura geral dos anéis pétreos.
- <sup>13</sup> UE 94, UE 96, UE 98, UE 134, UE 175, UE 199, UE 205, UE 216, UE 219, UE 220, UE 221, UE 225, UE 226 e UE 237.

## BIBLIOGRAFIA

- BARKER, P. (1989) - *Techniques of archaeological excavation*. 2 ed. London: Batsford.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F.; NORTON, J. (1998) - A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16, p. 55-96.
- DINIZ, M. (2000) - Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In GONÇALVES, V. S., ed. - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 105-116.
- DINIZ, M.; CALADO, M. (1998) - O povoado neolítico da Valada do Mato (Évora, Portugal) e as origens do megalitismo alentejano. In BALBÍN BEHRMANN, R.; BUENO RAMÍREZ, P., eds. - *Actas del II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo II, Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, 2, p. 23-31.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1953-1954) - Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14:1-4, p. 66-225.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- GUILAINE, J., ed. (1998) - *Sépultures d'Occident et genèses des mégalithismes (9000-3500 avant notre ère)*. Paris: Errance.
- HARRIS, E. C. (1991) - *Principios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Crítica.
- JORGE, S. O. (1990) - A consolidação do sistema agro-pastoril. In ALARCÃO, J., ed. - *Nova História de Portugal. 1: das origens à romanização*. Lisboa: Presença, 1, p. 102-162.
- JORGE, V. O. (1983-1984) - Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço. *Portugalia*. Porto. Nova série. 4-5, p. 37-47.
- LEISNER, G. (1948-1949) - Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 15-16; 17-18, p. 3-40, 499-534.
- LEISNER, V. (1983) - As diferentes fases do Neolítico em Portugal. *Arqueologia*. Porto. 7, p. 7-15.
- LÓPEZ ALDANA, P. (2005) - *Minimização de impactes patrimoniais decorrentes da construção da ligação entre Loureiro e Monte Novo: anta e mamoa das Atafonas*. Ocrimira, Castelo de Vide, Exemplar policopiado.
- PROFICO (2003) - *Estudo de Impacte Ambiental do Troço de ligação Loureiro-Monte Novo e respectivo Bloco de Rega. Relatório Final. Vol. I, Anexos Temáticos. Descrição de Projecto, Clima e Microclima, Geologia, Geomorfologia e Geotecnia, Património*. Anexo I (Ocorrências de interesse patrimonial referenciadas na área envolvente das Alternativas A1 e A2 do Canal Adutor), exemplar policopiado, PROFICO, Lisboa, n.º 15.
- ROCHE, J. (1960) - *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião. Muge Portugal. 1-Archéologie*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- SAVORY, H. N. (1969) - *Espanha e Portugal*. Lisboa: Verbo.
- SILVA, C. T. da (1987) - Megalitismo do Alentejo ocidental e do Sul do Baixo Alentejo. In *Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid: Ministerio de Cultura, p. 85-93.
- SILVA, C. T. da (1993) - Neolítico Médio e Final. O megalitismo. In SILVA, A.C. F. da ed. - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 169-191.

- SILVA, C. T. da (1997) - O Neolítico Antigo e a origem do megalitismo no Sul de Portugal. In RODRÍGUEZ CASAL, A. A. ed. - *O Neolítico Atlântico e as origens do megalitismo. Actas do Colóquio Internacional*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 575-607.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da área de Sines. Trabalhos arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1983) - A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, p. 63-88.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (2000) - Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In GONÇALVES, V. S., ed. - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 117-134.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. A. S. (1986) - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto. 14, p. 59-62.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1992) - Para o conhecimento dos povoados de Reguengos de Monsaraz. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (2000) - Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In GONÇALVES, V. S., ed. - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 117-134.

